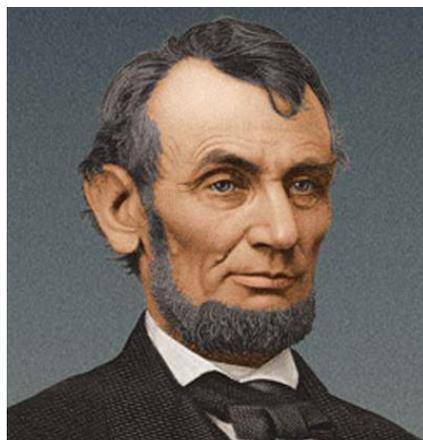


os presentes de aniversário

Nascido na roça, nos belos rincões do recôncavo baiano, ainda com quatro anos de idade, levantava às quatro horas da madrugada para começar a lida diária, antes mesmo do nascer do sol.

Ao completar nove anos, já com as mãos calejadas pelo manejo da enxada, começando a questionar as desigualdades do mundo, como presente de aniversário, recebi de meu pai o texto de um documento histórico intitulado "O Discurso de Gettysburg", que guardo comigo ainda hoje, sessenta anos depois. Transcrito à mão, no vernáculo, num pedaço de papel qualquer, seu conteúdo reverberou os ideais libertários que já iluminavam meus pensamentos.

"O Discurso de Gettysburg", proferido pelo então presidente dos EUA, o abolicionista Abraham Lincoln, em 19 de novembro de 1863, na Pensilvânia, foi um daqueles feitos que marcam para sempre a caminhada heróica de uma nação que se pretende livre. Ao concluir, disse Abraham Lincoln, com eloquência: "... que esta Nação, com a graça de Deus, renasça da liberdade, e que o governo do povo, pelo povo e para o povo jamais desapareça da face da Terra."



O presidente Abraham Lincoln foi assassinado dois anos depois, em 14 de abril de 1865, enquanto assistia a um espetáculo teatral.

Quando fiz doze anos, também como presente de aniversário, recebi de meu pai o texto de outro documento histórico intitulado "Eu Tenho um Sonho", cujo conteúdo, forte e libertário, ainda hoje me faz prantear.

"Eu Tenho um Sonho"
[I Have a Dream] foi o discurso histórico pronunciado por Martin Luther King, no dia 28 de agosto de 1963, em Washington/EUA, na Grande Marcha por Emprego e Liberdade. Tido como o maior evento do gênero até então, quis o destino que ele acontecesse



exatamente quando se comemorava cem anos do Discurso de Gettysburg, em plena efervescência do governo democrático de John Kennedy, três meses antes do seu assassinato. Luther King falou para 250 mil pessoas na Grande Marcha: "Não haverá tranquilidade nem sossego na América enquanto o negro não tiver garantidos os seus direitos de cidadão ... Enquanto não chegar o radiante dia da justiça ... A luta dos negros por liberdade e igualdade de direitos ainda está longe do fim."

Dias depois Luther King foi eleito o Homem do Ano pela revista Time. Em 1964, aos 35 anos, se tornou a pessoa mais nova a receber o Prêmio Nobel da Paz, e foi também assassinado em 1968.

Estudiosos franceses afirmam que a palavra, quando pronunciada, é condutora de energia que se propaga no ar, atravessa o tempo e desencadeia efeitos, ainda que muito tempo depois.

Por certo, toda essa energia emanada do Discurso de Gettysburg, em 1863, e do discurso Eu Tenho um Sonho, em 1963, cujos autores preconizavam a emancipação da população negra, culminou com a condução de Barack Obama à Casa Branca, em 2009, duas vezes eleito presidente dos Estados Unidos da América, chamando a atenção do mundo.



Aqueles dois discursos foram os mais edificantes presentes que já recebi!

Passei a ter esperança!

Dois anos depois, comecei a militância política com a esperança de que um dia as asas generosas da liberdade se abrirão sobre todos nós e um novo sol vai raiar!

a nova caminhada

No Brasil, durante o Regime Militar, o presidente da República era eleito indiretamente, no Colégio Eleitoral, composto basicamente pelos membros do Congresso Nacional, ante a indicação de nomes pertencentes às Forças Armadas.

A rejeição da PEC-Proposta de Emenda Constitucional nº 5, pela Câmara dos Deputados, naquela fatídica noite de 25 de abril de 1984, abalou momentaneamente, mas não sepultou o sonho de eleições diretas para presidente da República, acalentado por multidões de brasileiros.

Passado o impacto do primeiro momento, uma semana depois, as mais expressivas forças da oposição ao Regime Militar, sob a icônica liderança de Ulysses Guimarães, já se mobilizavam, conclamando a militância e a sociedade civil para a nova trincheira.



Não é despidendo lembrar que a PEC nº 5 deixou de ser aprovada na Câmara dos Deputados por lhe faltar apenas 22 votos. Tratando-se de emenda constitucional, era necessária a aprovação de 2/3 da Casa, ou seja, 320 votos, dos quais obtivemos 298.

Pela avaliação do núcleo pensante do bloco oposicionista, aquela performance na votação de 25 de abril sinalizava com a possibilidade de evoluir no sentido e com o objetivo factível de atrair novos aliados no Parlamento.

Com tal perspectiva, a eleição indireta, no Colégio Eleitoral, poderia se tornar palatável, na falta de outra solução.

Como, de fato, outra solução não se vislumbrava, o único caminho era o Colégio Eleitoral, cuja eleição seria dentro de oito meses, ou seja, em 15 de janeiro de 1985, como efetivamente aconteceu.

Tomada a decisão de ir ao Colégio Eleitoral, estava dada a largada para a escolha das chapas. Não havia tempo a perder.

No PDS, partido do Regime Militar, dois nomes fortes se colocaram como postulantes: o do coronel Mário Andreazza, ex-ministro dos transportes, e o de Paulo Maluf, empresário, ex-prefeito de São Paulo.

A disputa interna travada entre os dois visando obter a indicação do partido foi cara e acirrada.

A despeito do então presidente João Figueiredo ter manifestado apoio explícito a Mário Andreazza, na convenção partidária Paulo Maluf saiu vitorioso, sendo confirmado como candidato oficial da situação.

No entanto, as tratativas internas do PDS visando a escolha do candidato, comandadas pelo presidente João Figueiredo, resultaram no surgimento de dissidentes, que liderados pelo então senador maranhense José Sarney se desligaram do partido e criaram a Frente Liberal.

No PMDB, estabeleceu-se o consenso em torno do nome do então governador de Minas Gerais, o moderado Tancredo Neves, o qual, ao ser consultado, como bom mineiro, cauteloso como sempre, respondeu: "Só deixarei o governo de Minas para ser o candidato da oposição a presidente da República, se obtiver a concordância de dois valiosos homens públicos do Brasil: Chico Pinto, da Bahia, e Miguel Arraes, de Pernambuco." Ambos foram favoráveis.



Obtida a aceitação de Dr. Tancredo, seguiram-se intensas articulações lideradas por Ulysses Guimarães, que conseguiu unir PMDB e Frente Liberal, resultando na constituição da Aliança Democrática que ensejou a formação da chapa Tancredo Neves e José Sarney. Foi uma verdadeira obra de engenharia política conduzida com maestria por Dr. Ulysses.

Todo o segundo semestre de 1984 foi palco de um esforço hercúleo no sentido de cabalar votos para a chapa oposicionista, bem como para manter e ampliar o apoio da população.

Desse modo, mesmo sendo indireta a eleição, Tancredo fez diversos comícios pelo País, nos quais era sempre saudado pelas multidões como candidato da conciliação.

Nessa caminhada, no comício de Vitória/ES, em novembro de 1984, disse Tancredo Neves a plenos pulmões: "Restaurar a democracia é restaurar a República. É edificar a Nova República, missão que estou recebendo do povo e se transformará em realidade pela força não de apenas um político, mas de todos os cidadãos brasileiros!"

Finalmente, depois de uma longa peregrinação, enfrentando obstáculos de toda ordem, no dia 15 de janeiro de 1985, a chapa Tancredo Neves e José Sarney sagrou-se vitoriosa no Colégio Eleitoral, sufragada com 480 votos, sendo que a chapa concorrente composta por Paulo Maluf e Flávio Marcílio obteve apenas 180 votos.

Foi uma vitória maiúscula!

De norte a sul do País as ruas foram tomadas por multidões sedentas de democracia, que não se cansavam de repetir: "Tancredo Neves, presidente eleito do Brasil."

Em sessenta dias Tancredo Neves seria empossado presidente da República Federativa do Brasil para realizar um governo do povo, pelo povo e para o povo.

Mas, na verdade, não foi bem assim!

O futuro, tão próximo, nos reservava uma fatalidade!

O presidente eleito Tancredo Neves morreu sem tomar posse!

Assim quis o destino!



Jorge Freitas
in Tropeços no Caminho da Liberdade

inverno/2020.